

dos "profissionais liberais", como jornalistas etc. O trabalho partidário nestes setores, o movimento aliancista e posteriormente a resistência anti-facista parecem ser as bases deste processo de implantação e modificação de composição social. No final da década de 30, por exemplo, militantes do PCB na Bahia organizam e dirigem SEIVA, uma revista cultural e anti-facista, talvez em determinados momentos a única revista anti-facista circulando no Brasil. Isto nos leva a outros problemas: quais são as bases/condições sociais locais que permitem o movimento de organização do PCB na Bahia e especialmente em determinados setores sociais? Sem dúvidas, um estudo que se detivesse nestes problemas e em outras questões próximas traria importantes dados para a história do PCB e das lutas sociais no Brasil.

Antonio Albino Canelas Rubim

92 LAINO, André O Controle Fabril: poder e autoridade do capital Petrópolis, Vozes, 1983.

Num trecho de a "Jornada de Trabalho", capítulo VIII de O Capital, Marx faz referência à subordinação da saúde ao capital: "O Capital não se preocupa com a saúde e a vida do trabalhador se não for pressionado pela sociedade". Esta passagem ilustra o tema de abordagem do trabalho de André Laino, recentemente publicado, pela Editora Vozes. Fruto de uma pesquisa realizada para o programa de Pós-Graduação em Sociologia do IFCH da UNICAMP; este trabalho se insere dentro da tradição da "sociologia do trabalho" procurando focar o problema da administração e produção do capital e sua relação/contradição com os sujeitos vivos do processo produtivo: os operários de uma indústria de molas da cidade de Campinas, no Estado de São Paulo.

As investigações no campo da Sociologia do Trabalho, sob forte inspiração funcionalista, tendo George Fridmann e Pierre Naville como figuras proeminentes, abriu um vasto campo para a compreensão das condições de vida e trabalho no interior do sistema produtivo. Estas contribuições não podem ser relegadas a segundo plano nas investigações sociológicas. André Laino recupera o que há de melhor da "sociologia do trabalho", a partir de uma análise marxista do processo produtivo.

No primeiro capítulo, o autor, procura, a partir do discurso dos operários da indústria de molas, recuperar o "imaginário da condição operária", reconstituindo um passado recente da industrialização no Estado de São Paulo. Os discursos aparecem entrecortados por uma idealização do passado: "antes era melhor. Melhor em liberdade. Vai aumentando o pessoal, eles... cortando liberdade" (p. 33). Memória operária; ritmo da produção; tempo social são os recortes que, unificados neste estudo de Laino, nos dão uma idéia da divisão "racional" do sistema produtivo no interior do sistema fabril e da "irracionalidade" aparente da sociedade. Esta relação entre fábrica e sociedade será aprofundada no capítulo terceiro.

No segundo capítulo, temos um detalhamento preciso das unidades de produção a partir de uma classificação das seções e das relações de trabalho contraladas em seu interior. A autoridade e o papel do capital são elementos substantivos do processo de valorização do capital, que ao transcender a unidade fabril, atinge a família operária, aprisionando-a em suas malhas: reproduzem-se assim, no interior da família, as leis que regem o capital.

A família é a unidade da reprodução do capital; e a mulher operária é a parte explorada desse sistema; o capital subtrai a mais-valia do trabalho operário, como parte substancial do processo de valorização e incorpora a este processo o trabalho não pago da mulher. Em duas passagens, o autor, deixa claro a relação de dominação no interior da fábrica e sua extensão ao lar operário. Depois de uma intensa jornada de trabalho durante uma semana inteira, "as relações familiares ficam tensas e críticas. O cansaço das noites na fábrica, apropriadas pelo capital, metamorfoseia-se no sono que invade o dia e entra em sua casa. Para os casados, conviver com a mulher e crianças é um transtorno agravado pela falta de privacidade: alguns moram numa casa de um só cômodo, com a mulher e filho; outros com mulher e três filhos moram numa casa de sala e quarto... ..Nesta relação, o papel da mulher é fundamental. Além de ser responsável por uma parte considerável da sobrevivência da família, a mulher deve carregar, equilibrar e resolver questões emocionais do grupo" (p. 88).

Cada uma das seções estudadas possuem sua lógica e representam, na dinâmica do processo produtivo, o nível técnico e o grau de desenvolvimento da divisão social do trabalho. As seções que incorporam trabalhos mais especializado exercem sobre as outras a sua autoridade; o capital consegue desta maneira reproduzir no interior do sistema fabril, e, entre os trabalhadores, a sua lógica de dominação.

93

No terceiro capítulo, Laino faz um recorte entre a vida da fábrica e a vida na sociedade. Recorte aparentemente contraditório, mas necessário para se compreender a dimensão do controle do capital sobre os operários. A medicina cumpre um papel decisivo para a explicação desta mediação. São a enfermaria, o INPS e as Cipas as formas da medicina fabril, que, apesar de suas especificidades particulares, cumprem um mesmo papel, qual seja o de disciplinar a força de trabalho e recuperá-la para o capital. Os acidentes são acobertados pela vigilância repressiva da enfermaria, que recoloca o trabalhador na produção no caso de traumatismos leves. Daí os registros apresentarem uma classificação dos acidentes segundo a linguagem do capital: os acidentes são classificados em "sem perda de tempo" e "com perda de tempo". A vigilância da medicina através de seu instrumental procura realizar exames periódicos para eliminar todos aqueles trabalhadores doentes e improdutivos evitando, assim, custos sociais futuros para a empresa (p. 145).

A este papel fundamental da medicina, associa-se outro, o da difusão de uma "visão monetarista do corpo" que passa a ser incorporado pelos trabalhadores. Daí o "acidente", muitas vezes, ser visto pelo trabalhador acidentado como lucro. O trabalhador passa a traduzir a lógica do capital e a circunscrevê-la na esfera de sua própria vida.

Finalmente, podemos agregar a estas notas um aspecto central da condição operária. Diante de um "quadro" tão desumano, que alternativas encontram os trabalhadores? Qual a estratégia operária frente a autoridade do capital?

Laino responde a estas questões detalhando duas posições: a abordagem de José Leite Lopes, "O vapor do Diabo"; a partir da "invenção criativa" os operários das usinas forjam sua resistência; e a de Celso Frederico, "A vanguarda Operária", sem que os operários a partir da sabotagem forjam a sua resistência à organização capitalista. A primeira posição se insere dentro da tradição sociológica de Durkheim e Mauss, via Pierre

*Bourdieu; a segunda procura compreender a consciência de classe forjada a partir da contradição entre capital e trabalho. Resta saber se são excludentes estas duas posições, ou até mesmo se a "produção criativa" dos operários, colocada por L. S. Leite Lopes, traduz, a consciência operária. Nesse sentido, o livro de Laino aponta algumas questões importantes para entender a resistência operária: estamos diante de estado psicológico condicionado muitas vezes pelo processo produtivo ou diante de uma estratégia operária cuja base repousa sobre a consciência de classe do proletariado?*

*Ivo Ferreira Brito.*